

Representações de trabalho na bovinocultura de leite em contexto de tecnologização do mercado lácteo

Representations of work in dairy farming in the context of the technologization of the dairy market

Representaciones del trabajo en la ganadería de leche en el contexto de la tecnologización del mercado lácteo

Arlene Renk¹
Silvana Winckler²
Clóvis Dorigon³
Cristiano Nunes Nesi⁴
Tabajara Marcondes⁵

Recebido em 15/10/2025. Aprovado em 25/11/2025. Publicado em 18/12/2025.

Resumo: O artigo tem como objetivo abordar as transformações vivenciadas pelos agricultores familiares com a introdução da tecnologização crescente na bovinocultura de leite em municípios do oeste catarinense. Cabe perguntar: como os agricultores formulam as representações das atividades leiteiras no contexto da vida cotidiana? Antecede a essa questão: como se organizou o mercado lácteo nesse contexto? Trata-se de pesquisa qualitativa, com inserção em campo em 2023 entrevistando agricultores e agricultoras, casais e jovens que tiveram inserção na bovinocultura leiteira. As entrevistas seguiram roteiro flexível, observando aspectos pertinentes ao histórico da atividade leiteira, representação do trabalho e da tecnologização da atividade. Preferencialmente, as entrevistas foram realizadas pelo casal, isto é, quando se tratava de estado marital. Noutras oportunidades foram ouvidas as jovens que se dedicam à atividade em propriedades que administram. Dentre os resultados, destacamos o papel das políticas públicas na consolidação da bovinocultura de leite, os impasses ante a faixa etária dos agricultores, a incerteza de sucessores nas propriedades e a reorganização do trabalho.

Palavras-Chave: Technologização. Mercado lácteo. Trabalho rural. Sucessores nas propriedades.

Abstract: The article aims to address the transformations experienced by family farmers with the introduction of increasing technologization in dairy cattle farming in municipalities of western Santa Catarina. It is worth asking: how farmers formulate representations of dairy activities in the context of everyday life? Preceding this question is: how has the dairy market been organized in this context? This is a qualitative research, with field insertion in 2021, interviewing family farmers who have been involved in dairy farming. The interviews followed a flexible script, observing aspects related to the history of dairy farming, the representation of work, and the technologization of the activity. Preferentially, the interviews were carried out by the couple, i.e., when it came to the marital status; on other occasions, the young women who dedicate themselves to the activity were also interviewed. Among the results, we highlight the role of public policies in the consolidation of dairy cattle farming, the impasses in the face of the age bracket of the farmers, the uncertainty of successors in the properties, and the reorganization of the work.

Keywords: Technologization. Dairy Cattle. Rural Work. Successors in Farms.

¹ Doutora em Antropologia Social (UFRJ). Docente na Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3524-0739>. E-mail: arlene@unochapeco.edu.br

² Doutora em Direito (Universidad de Barcelona-UB). Docente na Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2980-2288>. E-mail: silvanaw@unochapeco.edu.br

³ Doutor em Engenharia da Produção (UFRJ). Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1555-2209>. E-mail: cdorigon@epagri.sc.gov.br

⁴ Doutor em Agronomia (UFPR). Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina. ORCID: <https://orcid.org/0000.0002.8642.3236>. E-mail: cnesi@epagri.sc.gov.br

⁵ Mestre em Sociologia Política (UFSC). Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina. ORCID: <https://orcid.org.0000-0002-1908-7615>. E-mail: tabajara@epagri.sc.gov.br

Resumen: El artículo tiene como objetivo abordar las transformaciones vividas por los agricultores familiares con la introducción de la creciente tecnificación en la ganadería lechera en municipios del oeste de Santa Catarina. Cabe preguntarse cómo formulan los agricultores las representaciones de las actividades lecheras en el contexto de la vida cotidiana. Antes de esta pregunta, hay que plantearse cómo se organizó el mercado lácteo en este contexto. Se trata de una investigación cualitativa, con inserción en el campo en 2023, en la que se entrevistó a agricultores y agricultoras, parejas y jóvenes que se dedicaban a la ganadería lechera. Las entrevistas siguieron un guion flexible, observando aspectos pertinentes a la historia de la actividad lechera, la representación del trabajo y la tecnificación de la actividad. Preferiblemente, las entrevistas fueron realizadas por la pareja (cuando estaban casados), es decir, cuando se trataba de estado civil, en otras ocasiones también se escuchó a las jóvenes que se dedican a la actividad en las propiedades que administran. Entre los resultados, destacamos el papel de las políticas públicas en la consolidación de la ganadería lechera, los impasses ante la franja de los agricultores, la incertidumbre de los sucesores en las propiedades y la reorganización del trabajo.

Palabras clave: Tecnologización. Mercado lácteo. Trabajo rural. Sucesores en las propiedades.

1 Introdução

O artigo aborda as transformações vivenciadas pelos agricultores familiares ante a tecnologização crescente na bovinocultura de leite em municípios do oeste catarinense. Ao contrário do que ocorria em gerações anteriores, atualmente o padrão tecnológico para o setor leiteiro é amplamente disseminado, em suas vicissitudes amarra-se intrinsecamente com a categoria trabalho, imbricada no trabalho familiar. Cabe perguntar: como os agricultores formulam as representações das atividades leiteiras no contexto da vida cotidiana? Antecede a essa questão, como se organizou o mercado lácteo nesse contexto?

Trata-se de pesquisa qualitativa, com trabalho de campo realizado em 2023, entrevistando agricultores e agricultoras familiares que tiveram inserção na bovinocultura leiteira. As entrevistas seguiram roteiro flexível, observando aspectos pertinentes ao histórico da atividade leiteira, representação do trabalho e da tecnologização da atividade. Preferencialmente, as entrevistas foram realizadas com o casal, isto é, quando se tratava de estado marital, e noutras oportunidades também foram ouvidos jovens que se dedicam à atividade. O trabalho de campo foi realizado nos municípios de São João do Oeste e Maravilha, no oeste catarinense.

O oeste catarinense é constituído predominantemente por pequenas propriedades, em razão do processo de colonização iniciado a partir de 1920. Um dos setores da economia está centrado na produção de proteína animal, com exportação de aves e suínos, atividade que hierarquiza os agricultores, ou seja, a integração a vertical, além de outros requisitos, exige um patamar de capital que não está à disposição de todos os agricultores. É um espaço heterogêneo com elevada clivagem social e econômica.

A formação de São João do Oeste ocorreu nos anos vinte do século passado, embora fosse emancipado politicamente em 1991. Desmembrou-se do município de Itapiranga, antiga colônia de Porto Novo, de colonização étnico-confessional, isto é, católicos e descendentes de alemães.

No Relatório de Desenvolvimento Econômico do município de Itapiranga, elaborado de novembro de 1961 a fevereiro de 1962 pela Empresa Agro e Hidrotécnica S/A (braço de empresa alemã em parceria com Instituto Misereor⁶), dentre os projetos para o desenvolvimento municipal constava a instalação de uma empresa de laticínio para dinamizar a bacia leiteira (Hahn, 2005; 2016; Franzen, 2014; 2016). O relatório apontava a baixa produção de leite, pois o rebanho bovino demandava melhoria genética. Como alternativa de superação, foi indicada a constituição de uma cooperativa de industrialização do leite e o melhoramento genético dos animais. Em 1962 foi instalada a Cooperativa Laticínios Itapiranga, na Vila São João, atual município de São João do Oeste. (Franzen, 2014, p. 108). A trajetória do empreendimento não foi auspiciosa, resultando em falência, de modo que os últimos bens foram vendidos à Cooper Central Aurora⁷.

2 Bacia leiteira do oeste catarinense

Em Santa Catarina, a bacia leiteira estava concentrada na região do vale do Itajaí. Segundo Hahn (2005), a partir dos anos de 1990 ocorreu o deslocamento dessa bacia ao oeste catarinense. Encontrou em Itapiranga e cercanias um ambiente propício:

Na microrregião de Itapiranga, em particular, já houvera tentativas de consolidar a bovinocultura de leite como uma importante atividade econômica para os pequenos agricultores. A mais importante delas aconteceu a partir do plano de desenvolvimento econômico de 1962. Apesar da cooperativa de laticínios, conforme visto, não ter prosperado nos moldes previstos no plano, diversos produtores mantiveram seus rebanhos. Com os recentes incentivos à atividade, o “saber-fazer” existente na região explica o crescente número de agricultores interessados e que com uma certa facilidade passaram a empreender no ramo (Hahn, 2005, p. 95).

⁶ Misereoré: obra episcopal da Igreja Católica Alemã voltada a projetos de cooperação e desenvolvimento na Ásia, Oceania, África e América.

⁷ Em seu portfólio consta que a Cooper Central Aurora é um conglomerado agroindustrial sediado em Chapecó, pertencente a doze cooperativas agroindustriais da região. (<http://ocbms.org.br/noticia/aurora-44-anos-orgulho-do-cooperativismo/2833/>).



Maravilha, outro local de estudo, foi emancipado politicamente 1958. Sua colonização ocorreu décadas depois daquela de Porto Novo, foi formado por descendentes de italianos, alemães e poloneses vindos do Rio Grande do Sul. Por este município circulam vários laticínios. A empresa preponderante é a Piracanjuba, originária de Goiás, em operação desde 2011.

Ambos os municípios tiveram, anteriormente, sua economia alicerçada na policultura, na qual o binômio suíno/fumo foi comum em grande extensão. A atividade leiteira foi secundária por falta de mercado consumidor, além daquelas unidades domiciliares que adquiriam o leite *in natura* ou nos seus derivados como nata e queijo. Fazia parte do que Shanin (1974) nomina como economia feminina, estudado por Dorigon e Renk (2011), constituindo-se nas franjas da economia da propriedade rural, sob a forma de “miudezas”. As transformações por que passou a agricultura e a ampliação da bovinocultura de leite modificaram de modo significativo a organização do trabalho familiar e a economia da propriedade rural.

Dentre as opções econômicas, a atividade leiteira (presente em grande parte dos estabelecimentos agropecuários familiares, até os anos de 1980, considerada de pouca relevância socioeconômica) passa a ocupar papel de destaque. A partir de meados da década de 1990 a produção regional passou a crescer continua e significativamente e atualmente o oeste de Santa Catarina faz parte de uma região que forma uma das principais produtoras do Brasil. Isso foi facilitado porque comparada, por exemplo, à suinocultura e avicultura, a atividade leiteira possui barreiras menores à entrada e possibilita a expansão gradual da escala da produção na propriedade rural. É também adequada ao trabalho familiar e à sua tradição histórico-cultural e possibilita o uso econômico e conservacionista dos recursos naturais. (Dorigon, Renk, 2019, p. 132).

O objetivo deste texto não é tratar do “mercado lácteo”, no entanto, cabe trazer alguns elementos que possam contribuir para a questão em tela. Convém reter aspectos essenciais para elucidar a circulação dos produtores entre empresas que integram esse circuito.

A categoria “mercado lácteo” ou similar é empregada de forma recorrente, sem maiores qualificações. O que pretendemos é utilizar essa rubrica com a apropriação sociológica de Bourdieu (2005). Não se trata de um “mercado perfeito”, a exemplo daquele estudado por Garcia-Parpet (2003). Aproxima-se das características da categoria campo, como um espaço multidimensional, hierarquizado, no qual as instituições disputam a maximização de lucros e, em última instância, o monopólio dos bens econômicos. Segundo Bourdieu,

[...] o campo econômico se distingue dos outros campos pelo fato de que as sanções são especialmente brutais e que as condutas podem se atribuir publicamente como fim a busca aberta da maximização do lucro material individual (2005, p. 22).

O autor lembra que as cláusulas, por mais que se revistam do aspecto formal, nem sempre são totalmente contratuais. No campo, os agentes situam-se em posições diferenciadas, com capitais, propriedades e capacidades diversas de apropriação e gestão dos bens.

O mercado lácteo instala-se na região por meio de empresas locais ou regionais que disputam os produtores de leite, indispensáveis na constituição de seus empreendimentos. Há de se considerar que existe uma dupla disputa: de um lado, a relação concorrencial entre empresas do setor leiteiro e, de outro, das empresas em relação aos produtores de leite. O mercado é “harmonizado” com as regras da ANVISA, numa padronização com as normas do *Codex Alimentarius*, pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) e Organização Mundial de Saúde (OMS), que pretende alcançar padrão higiênico de aceitabilidade mundial aos produtos alimentícios.

As diferentes indústrias lácteas constituem-se ou associam-se a instituições de defesa de seus interesses. Vejamos o caso da Viva Lácteos – Associação Brasileira de Laticínios, criada em 2014, que conta com 38 associados e três destes são do oeste catarinense. Outras instituições são a ABIQ - Associação Brasileira da Indústria de Queijo, a G100 – Associação Brasileira de Pequenas e Médias Cooperativas e Empresas de Laticínios e a ABLV – Associação Brasileira da Indústria de Leite Longa Vida. Formam redes de interesses.

Até o momento não ocorre integração vertical formal entre empresas e produtores de leite. Para o produtor a relação de venda do leite é feita pelo cálculo do preço pago, não importando o tempo de vínculo ou as relações de amizade estabelecidas. Podem expressar que a empresa anterior era melhor que a atual, com a qual negociam, mas o preço não compensava. Justificam a mudança, uma vez que devem “pensar com a cabeça”. São corriqueiras expressões como: “Deixamos a Cooperativa X ou Laticínio Y porque se mostrava pouco competitiva”. (Entrevistado 1). Tal juízo aproxima-se da perspectiva assinalada por Bourdieu ao escrever a respeito da constituição do campo econômico:

[...] da gênese do próprio campo econômico, isto é, da história do processo de diferenciação e de autonomização que conduziu à constituição deste jogo específico, do campo econômico como cosmo obedecendo a suas próprias leis.



Foi somente muito progressivamente que a esfera das trocas de mercado se separou dos outros âmbitos da existência e que se afirmou seu *nomos* específico (“*negócios são negócios*”); que as transações econômicas cessaram de ser concebidas com base no modelo das trocas domésticas – comandadas, portanto, pelas obrigações sociais ou familiares – e que o cálculo dos lucros individuais – portanto o interesse econômico – impôs-se como princípio de visão dominante, senão exclusivo (contra o recalque da disposição calculista) (Bourdieu, 2005, p 18/19).

Um mercado lácteo também implica no surgimento de submercados, constituídos por instituições terceiras com venda especializada de produtos afins da bovinocultura, tais como as casas veterinárias, agropecuárias e vendedores que percorrem a área rural, oferecendo aos agricultores insumos terapêuticos e instrumentos para o dia a dia da atividade leiteira. Em decorrência da institucionalização que se estabeleceu, representantes comerciais fazem visitas rotineiras aos agricultores no intento de oferecer seus produtos e preços avantajados, o que, por vezes, toma-lhes o tempo, sempre considerado precioso. Um agricultor confeccionou uma placa, afixando-a no jardim, na entrada da casa, com os dizeres: “Não atende vendedor. Boa viagem”. Trata-se de uma forma de afugentar os considerados indesejáveis e tomadores de tempo, o que resultou satisfatório. Deslocando o olhar, do ponto de vista das profissões, as instituições de ensino superior locais passaram a oferecer os cursos de agronomia, veterinária e zootecnia em seu portfólio.

As empresas compradoras de leite são heterogêneas na sua constituição, variando de empresa de âmbito nacional, de grande porte, às heterogêneas cooperativas, finalizando na empresa familiar. As fronteiras administrativas municipais, aparentemente, parecem não contar na sua circulação. Um exemplo é a Cooper Mondaí, hoje com falência decretada. Inicialmente, além de Mondaí, atuava em Itapiranga, município limítrofe, e em suas cercanias. Atualmente, nos municípios estudados, temos os Laticínios Lac Lélo - Laticínios São João do Oeste⁸ com mercado regional, Cooperativa Familiar São João do Oeste, em São João do Oeste, Piracanjuba em Maravilha (empresa originária de Goiás) com vasto portfólio de derivados de leite, Laticínios Cristo Rei, Laticínio Q Maravilha, Bela Vista. Fora isso, a Tirol

⁸A Laticínios São João - Lac Lélo, em São João do Oeste, é a única que, além de captar o leite dos produtores parceiros, também o produz em unidade de modelo Composto Barn. Trata-se de área coberta, ventilada, com cama para repouso dos animais (uma camada de materiais orgânicos, como serragem ou restos de madeira, que são revolvidos regularmente para garantir conforto e sanidade), abrigando número elevado de vacas. Segundo informações, sua capacidade é de 300 vacas em lactação, sendo produzidos em média 35 litros/dia por animal. Apresenta-se como referência nacional de unidade de produção e eficiência. Disponível em: (<http://www.laclelo.com.br/empresa/historia>). Acesso em: 15 de maio de 2024.

e a Cooperativa Aurora, igualmente com mercado regional, e *Gran Mestri*⁹, que processa queijos finos. Estas empresas fazem incursão diária nos municípios para o recolhimento do leite. É rotineiro encontrar nas estradas os caminhões das diversas marcas.

3 Atividade leiteira

Atualmente, a atividade leiteira é vista pelos agricultores como aquela mais vantajosa e rentável, deixando de lado outras atividades como a fumicultura, embora nenhum desses municípios, na última década, tivesse o tabaco como atividade essencial (Jungblut, 2010; Hahn, 2005), mas esteve presente na trajetória de inúmeros bovinocultores. Acompanhando os dados estatísticos, a última safra de tabaco, no sul do Brasil, foi a de maior produtividade e rentabilidade nos últimos cinco anos (CEPA, 2025). Houve um decréscimo no cultivo de fumo no estado. Passar da fumicultura à bovinocultura é considerado uma elevação de patamar. No entanto, abordando relacionalmente, a atividade da bovinocultura fica aquém daquelas da avicultura e suinocultura, não falando exclusivamente em termos de rentabilidade, mas pelo acesso financeiro que implica na acessibilidade junto às empresas integradoras.

O que leva o agricultor à bovinocultura de leite é a facilidade, por ora, de acesso de acordo com as possibilidades econômicas. A depender da capitalização e da mão de obra disponível na propriedade, há eventuais consorciações da bovinocultura de leite com suinocultura ou avicultura.

Os agricultores e agricultoras entrevistados acessaram créditos do Pronaf, obtendo financiamento por meio do Banco do Brasil ou Sicoob, mediados pelo funcionário da Epagri local, que os auxiliou na tramitação do processo para a implementação das atividades, dentro dos padrões de exigências sanitárias. Os créditos se destinam à aquisição de sala de ordenha, ordenhadeira mecânica, trator, ensiladeira, construção de galpão. À medida que as Políticas Públicas permitiram, realizaram os empréstimos e fortaleceram-se na atividade produtiva. Reconhecem que sem as políticas públicas não alcançariam o grau de melhoria nas propriedades e, provavelmente, considerar-se-iam tão “falidos” quanto seus pais e avós, que é o horizonte geracional que lhes é permitido vislumbrar.

⁹ Por ocasião do trabalho de campo era uma empresa de âmbito regional e depois foi adquirida pela Cooper Aurora, mas mantendo a marca original.



Do ponto de vista formal, há o bem-estar animal, regulado por entidades vinculadas às profissões de veterinária, zootecnia e de bioética, que divulgam os manuais de boas práticas de manejo de ordenha, de respeito à pirâmide de Maslow das necessidades¹⁰.

Sem desprezar as boas práticas, os agricultores formulam sua bioética nativa, calcada em não explorar o animal, por ser “contra a natureza”. Essa expressão é reiteradamente acionada, como se partilhassem de um código, expressando aquilo que é permitido na “natureza” e aquilo que seria “contrário à natureza”. E essa natureza, por sua vez, é externa aos humanos. No que se refere aos elementos demarcados negativamente, inserem-se as críticas às três ordenhas diárias, a exemplo do que ocorre com aqueles agricultores que empregam o Composto Barn. Embora reconheçam que três ordenhas aumentariam a renda familiar, o que estaria de acordo com a lógica dos “negócios”, não a entendem como justa por ser contrária à “natureza”, por “estragar o animal”, por “enfraquecê-lo”. Há uma naturalização de duas ordenhas diárias. Esse é o ciclo considerado natural, o dia e a noite.

De outro lado, levam em conta também o fato de o animal representar investimento para a propriedade e significar a capitalização desta. Uma terceira ordenha, em sua lógica, levaria à “depreciação” da vaca. Há de se levar em conta que a terceira ordenha implicaria no reordenamento das atividades na propriedade e num envolvimento de tempo total para a atividade leiteira (três turnos).

4 Trabalho familiar: “trabalhar com a cabeça”

“Trabalhar com a cabeça” é o mote que mostra a distância entre as gerações de agricultores. Nos tempos passados, os pais e avós trabalhavam muito. A expressão “se judiavam” é mencionada sem carga de racismo, mas como sinônimo de emprego de força bruta de trabalho, quando “não usavam a cabeça”. Por essa razão, estavam “sempre falidos”. A falência não pode ser considerada literalmente. Em São João do Oeste, muitos foram acionistas do Frigorífico Safrita¹¹, que depois passou para a Bunge, agora JBS, sem usufruir dos dividendos, sem conforto em casa, numa vida ascética, investindo em terras os resultados

¹⁰(https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sustentabilidade/bem-estar-animal/arquivos/capitulo7_11Bemestardebovinosleiteiros.pdf, acesso em 15 de junho de 2023).

¹¹O S.A Frigorífico Itapiranga, criado na década de 1970, com forte presença de acionistas agricultores, abatia inicialmente suínos. Seu controle acionário passou por várias mãos, como Ceval Alimentos S.A, Seara Alimentos, Bunge Brasil S.A, Grupo Mafrig e atualmente a Companhia JBS, num processo de exclusão dos agricultores (Franzen, 2014, p. 162).

da lavoura, utilizando-se de instrumentos hoje considerados arcaicos, tais como arado e moenda de cana.

Agora, nos casos abaixo, no gerenciamento das propriedades, nas tomadas de decisões “usando a cabeça”, conseguiram se “organizar” e melhorar a qualidade de vida e da propriedade, equipando-a.

O trabalho familiar é elemento que está condicionado à reconfiguração demográfica das famílias rurais. Hoje há um encolhimento na composição familiar em relação às gerações anteriores, que eram mais numerosas. De um lado, o número de filhos tem diminuído nas unidades familiares, de outro lado, os dados estatísticos apontam à diminuição da população rural no oeste catarinense. E, em muitas unidades rurais, por exemplo, houve a possibilidade de opção na escolha de vida profissional fora do mundo rural, seja por meio da escolarização ou outra atividade considerada mais rentável, o que rebate no meio rural sob a forma da generalizada carência de mão de obra.

A opção pela bovinocultura de leite foi vislumbrada como possibilidade da entrada de renda mensal, embora se queixem de não ser, literalmente, mensal, de demorar em torno de quarenta e cinco dias para o dinheiro ser depositado na conta. Mesmo assim, é um rendimento mais rápido que aquele da safra de grãos.

Algumas estratégias para enfrentar as dificuldades de áreas reduzidas e a falta de mão de obra criadas pelas famílias foram observadas, tais como o uso da fraternidade e da sororidade.

A fraternidade e a sororidade ocorrem no caso exemplificativo em que três irmãos se unem para dar continuidade à propriedade paterna. Este é o caso da propriedade um rapaz e duas irmãs, estas com curso superior, sendo que uma das quais teve experiência com migração internacional, atuando como *Au Pair* na Alemanha. Ante o fechamento da empresa em que trabalhavam, assumem a propriedade paterna, considerando o momento da aposentadoria dos pais. Dividem as tarefas, de modo que as mulheres assumem os encargos com o leite e o irmão responsabiliza-se pela suinocultura. Instauram relação de gestão partilhada, com responsabilidade paritária e decisão em conjunto. Têm rotina de trabalho e as folgas para lazer. Mesmo assim, os vendedores de produtos veterinários, quando em visita domiciliar, sempre solicitam a presença paterna, por considerarem inusitada essa forma de gerenciamento.



Outro exemplo de fraternidade evidencia-se em duas propriedades pequenas, contíguas, resultantes de herança. Os irmãos resolveram torná-las uma única unidade produtiva e com responsabilidade partilhada. Têm em torno de 50 vacas, produzindo 870 litros de leite diários. Trabalhavam com suinocultura, mas tiveram de sair, por considerar excessivo o volume de trabalho. Contrataram uma trabalhadora para ajuda na ordenha e alternam as atividades entre as mulheres da propriedade. Os homens dedicam-se à lavoura. As mulheres responsabilizam-se pela ordenha.

O caso exemplar, por excelência, de fraternos, é encontrado numa propriedade de três irmãos, um deles casado e dois celibatários (inicialmente eram quatro e um retirou-se). A área original, recebida de casa, de 15 hectares, foi ampliada para 75 hectares (observação de campo: no galpão garagem havia três carros de passeio). Não têm filhos. Cada um tem sua tarefa e responsabilidade. “Cada um sabe onde pular”. Têm 70 vacas, roça de milho e soja. (Entrevistado 4).

Decidem a organização do trabalho em grupo, dividindo as atividades. A jornada inicia às 5h30 da manhã e é prolongada até às 17 horas. Juntaram-se para trabalhar. Em 1993/1994 trabalhavam com “vaquinhas e fumo”. Quando passaram só ao rebanho, em 1995, deixaram o cultivo do fumo.

Expressam que o leite sempre dá lucro com mão de obra familiar, sem comparação com outras atividades. Hoje trabalham com a Tirol. Mostram-se contrários às três ordenhas diárias, pois “é contra a natureza, porque enfraquece o animal, que perece mais cedo”.

Os padrões que rompem o modelo familiar da renda indivisível podem ser observados em casos de propriedades pluriativas. Numa dessas propriedades, observa-se um arranjo da pluriatividade, à medida que o filho é trabalhador em tempo parcial. A nora, com formação superior incompleta, exerce atividades na agroindústria de Itapiranga. “Não é pessoa para trabalhar na roça. Mas é um ganho extra”. (Entrevistado 6). O nó da questão é o filho “ajudar” na propriedade e receber um percentual mensal do leite, por um período de um ou dois anos, para depois passar a propriedade às suas mãos.

A atividade leiteira sugere uma tendência à divisão de trabalho entre as propriedades. Por exemplo, os proprietários de máquinas que as arrendam para silagem nas propriedades dos produtores de leite ou propriedades que oferecem o feno aos bovinocultores.

O trabalho familiar tem seu reverso que é a mão de obra assalariada e a dificuldade de encontrá-la, levando à autoexploração das forças familiares. Um agricultor expressa-se da

seguinte forma: “Nessa vida somos muito mais judiados que as vacas: [temos obrigação com] com pasto, ordenha e silagem”. (Entrevistado 7).

No mercado lácteo os agricultores situam-se em posições diferenciadas, de acordo com o capital de entrada no campo e a trajetória nesse. Mesmo que transitem por empresas, sabem das exigências sempre crescentes.

Este é o caso do casal Entrevistados 13, de Maravilha, cuja propriedade resultou de migração de ambos a São Paulo, no primeiro decênio deste século, para trabalhar em churrascarias. O investimento dos recursos daí advindos foi aplicado na aquisição de terra. Inicialmente compraram 6,0 hectares e todos os bens, desde os utensílios domésticos. Depois amealharam os demais 3,5 hectares como fruto de herança paterna. Com o financiamento do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) adquiriram um trator, ordenhadeira e vacas, iniciando no ramo leiteiro.

Ao situar-se frente a agricultores consolidados, expressa:

Nós pequenos não vamos conseguir aguentar. A gente não vive só com leite. Os mais grandes, com mais terra, já saíram de casa com tudo. Nós saímos do nada, nos consideramos heróis. Não consigo ter vaca holandesa, jersey com holandesa, vaca em torno de R\$ 7.800,00. (Entrevistado 13).

Lembram que deveriam ter mais incentivo por parte do governo, “senão quando compra é pelo dólar”. Ao contrário de um trabalhador assalariado, respondem que não têm direitos trabalhistas. “Se eu me machucar, o que acontece?” (Entrevistado 7).

Um agricultor que adota a tecnologia do Composto Barn, reconhecendo tratar o gado cinco vezes ao dia, diz: “Encho o trator, em dez minutos, tô livre”. (Entrevistado 10). E faz a previsão de que no futuro tudo será confinado, com divisão de trabalho: um produz pasto, outro cria vacas em parceria. A tecnologia é indispensável: “Sem tecnologias, sem máquinas, parava tudo, com máquinas já é mais custoso, imagine sem.” (Entrevistado 10).

5 Sucessores

O modelo clássico da reprodução social camponesa, no qual o herdeiro e sucessor seria o ultimogênito, não ocorre mais. Cabe lembrar o contexto em que Woortmann (1985) escreveu, quando havia a possibilidade de migrar à fronteira agrícola, opção disponível aos filhos de agricultores quando a maioria destes herdava o ofício e saía em busca de novas



terras. Nessa lógica, o deserdamento da propriedade originária e a consequente migração de alguns descendentes era a contrapartida da permanência do herdeiro, normalmente o filho homem mais novo, na propriedade ao lado dos pais. Hoje, pelo esgotamento da fronteira agrícola, não há à disposição colônias novas para migrar e tampouco é elevado o número daqueles que desejam seguir a atividade dos pais.

Instaura-se uma situação de haver propriedade e carência de sucessores. Paradoxalmente isso ocorre quando os pais seguem o modelo de herança equitativo, contemplando os elementos masculinos e femininos com direito ao acesso à propriedade paterna. A escolarização obrigatória, a interiorização da educação nos diversos níveis, a instalação de indústrias, empresas requerendo mão de obra qualificada, e a possibilidade de empreender e constituir o próprio negócio levam à retirada dos jovens do interior e da ocupação rural. Alguns procuram a autonomia, outros o assalariamento. Abre-se um leque de oportunidades não vislumbradas noutros tempos. Alguns aspectos são estruturais, tais como trabalho, concepção de trabalho, tempo livre remunerado.

Os próprios agricultores entendem que trabalham demais. Ao descrever a jornada diária, esta vai do amanhecer ao anoitecer. O que desejam aos filhos é que estes trabalhem menos, principalmente se um deles permanecer na propriedade, que seja para ter mais tempo livre, seja para não desgastar o corpo. Nesses momentos vêm à tona as mazelas, como cirurgia na coluna, cirurgia no quadril e desgaste no corpo em decorrência do trabalho.

A lógica é que o filho que fique na propriedade trabalhe menos que os pais. Esse é um raciocínio relacional. Se num momento entendem que a tecnologia amenizou a vida, de outro, reportando-se à geração futura, esperam que esta tenha que despender menor esforço físico na atividade agrícola. Neste caso, cabe observar o aspecto geracional. Os entrevistados que enunciaram que, atualmente, as condições tecnológicas são favoráveis, o fazem em relação à geração anterior, quando a ordenha era manual e não dispunham de tratores para as atividades auxiliares à bovinocultura. Exemplificando, o casal com dois filhos em idade escolar deseja que um deles permaneça na agricultura, porque já tem a “estrutura montada. É pra trabalhar 30% do que trabalhamos. O outro pode fazer faculdade” (Entrevistado 8).

Outro produtor rural, comentando a respeito das propriedades de sua “Linha”, diz que das dez propriedades rurais apenas duas têm sucessores. Os demais trabalham na cidade. Os motivos alegados são o gozo de férias, a jornada de trabalho de oito horas diárias e não ter as mãos sujas. Entendem o preço do leite como baixo e responsabilizam o governo, com

qualificativos negativos. Assim acontece com segmentos de grãos e suínos. As estradas estão ruins. Não têm incentivos. Os sindicatos são acusados de “comedores de dinheiro”. “A única coisa boa é que ninguém tem mando [em contraposição ao assalariado], mesmo sendo sofrido” (Entrevistado 7).

Paradoxalmente, a propriedade constituída com recurso angariado com trabalho de migração a São Paulo tem herdeiro, embora construído obliquamente. De um lado, não gosta de estudar. De outro lado, foi convidado para uma parceria com a JBS na construção de galpão para suinocultura. Vai dedicar-se ao projeto. A filha está estudando, fazendo faculdade de matemática e não gosta da agricultura. Queria fazer engenharia civil, mas não tem condições de pagar o curso. Passou na Universidade de Passo Fundo, mas teve de desistir. Noutro momento, o pai volta-se contra o sistema escolar, por estabelecer o horário de saída dos alunos às 15.30, perguntando, “quem vai tirar o leite?”

Enquanto trabalho familiar, os agricultores apresentam-se de forma controversa, ora são livres, noutros são escravos; são proprietários, mas não fazem o preço; podem escolher duas ou três ordenhas diárias, sabendo que implica em mudança de rendimento, mas antevêm o desgaste dos animais. Em suma, incluem-se na categoria dos inclassificáveis (Grignon, 1975).

6 Leite consorciado

Em anos anteriores, grande parte das propriedades passou pelo cultivo do fumo, substituído pelo leite. Pode ser considerado “naturalizado” o binômio suíno/fumo, como histórico. Nem todos fizeram a migração à integração de suinocultura, que excluiu considerável segmento de agricultores. (Testa *et alii*, 1996). Numa hierarquia de atividades, poderíamos tipologizar economicamente: suinocultura, avicultura, bovinocultura de leite e fumo.

Hoje há consórcio de leite e aves, leite e suínos. Quem o tem não pretende abrir mão, apesar da renda mensal e do menor trabalho.

Ao contrário da suinocultura, avicultura e fomicultura que são agronegócios de integração vertical, a bovinocultura de leite, formalmente, não tem estabelecido vínculos contratuais entre produtor e empresa compradora nos padrões da agroindústria. Observa-se uma lassidão, não confundível com *laissez faire*. Está antes para uma “integração suave”. Pode ser pensado sob algumas dimensões. Há a possibilidade de migração a outra empresa,



em busca de vantagem econômica. A oferta de empresas é relativamente grande, vai de Terra Viva (Cooperativa Central de Reforma Agrária) aos complexos Tirol ou Cooper Aurora. Com a retirada da Lactalis (empresa com exigências mais elevadas) entraram outras no mercado, a exemplo da Gran Mestri, a Aurora, além das locais, Lac Lélo em São João e Piracanjuba, em Maravilha.

Embora haja um contrato tácito de aviso prévio em caso de rompimento de contrato, firmar vínculos contratuais pode representar também garantias de compra, bem como maior imposição de normas.

Os produtores têm o histórico do Laticínio Mondaí, acusado de fraude no leite, teve os bens bloqueados, interrompendo as atividades, deixando de honrar os compromissos com os agricultores¹².

7 Lazer, desde que planejado

Em estudo sobre a concepção de trabalho, ante o desejo da filha de equiparação de suas atividades ao trabalho assalariado, os pais queixavam-se de que a vaca na propriedade, nos finais de semana, demandava de serviços e “não podia fazer jejum”, ou seja, ficar sem alimentação. (Renk, Dorigon, 2015).

No caso da bovinocultura, deparamo-nos com nova situação. Quando perguntados a respeito de folga, respondiam que, acontecia “desde que planejado”. Soava remotamente ao texto de Patrick Champagne, *Les paysannes a la plage*. Se lá havia a compulsoriedade de ir à praia, “como todo mundo”, aqui, pode ser uma viagem ao Santuário de Aparecida, visitar os parentes no Rio Grande do Sul, viagem de turismo nas águas termais nas redondezas. Sair num dia e voltar no outro, preferem não fazer, “é melhor deixar. É para o final do ano ou no próximo ano”. Lembram sempre que “a vaca quer comer”, “agricultura não é fábrica”. “Se não entrar trato na boca, não sai leite nas tetas. Tem que trabalhar”.

Aqueles agricultores que têm consorciada a atividade de aves e leite apresentam dificuldade maior de participar nas festas da Igreja, que é o maior pólo atrativo de lazer. Alguns expressam que, no caso de consórcio de avicultura e leite e, se houver aves (pintinhos) para cuidar, buscam a comida na festa e almoçam em casa.

¹² (<https://edairynews.com/br/laticinios-mondai-e-assumida-54609/https://www.mp.sc.br/noticias/bloqueados-os-bens-da-laticinios-mondai-por-fraude-no-leite>).

Comparando o aviário com o leite, aquele é o mais preocupante:

Não tem isso de um sai, outro fica. Nunca fomos viajar. Ir num casamento, até vamos. Tem um irmão aposentado que fica mais de chefe de casa, mas sempre o corpo tá lá, mas a cabeça tá aqui. (Entrevistado 5)

Em propriedade que partilha a administração comum e não tem pretensão de implantar o Composto Barn, preferem permanecer da forma atual. Podem ir às festas no período noturno. Para isso tiram leite mais cedo, nem por isso se “atrapalham”. Não tem horário e não são pontuais. Costumam tirar férias. Sai um casal e fica outro administrando.

O casal da propriedade em Composto Barn afirma que frequenta bailes e jantas realizadas na comunidade. Frequentar às missas matutinas aos domingos “fica um pouco corrido” por coincidir com a ordenha, pela organização da propriedade e pelo tempo despendido no deslocamento à cidade. No entanto, para viagens e férias não tiveram tempo.

Outro casal organiza-se, adiantando o serviço para sábado, de modo que no domingo tenha maior folga para as festas, mas com a condição de que esteja de volta às 17 horas.

8 Considerações finais

A agricultura, nos municípios estudados, tem sua economia alicerçada na integração de suínos e aves e na bovinocultura de leite. A paisagem rural apresenta modificação com extensos pastos marcados por fios de cerca elétrica. Transitar na área rural apresenta paisagem de pastagens e os imóveis confinantes se distinguem unicamente pela cor dos palanques, indicando cada estabelecimento rural.

A bovinocultura de leite é apontada como a “saída para a agricultura”. Há alguns anos havia um mote corrente de que “o leite é a salvação da lavoura”. No entanto, parcela das propriedades rurais carece de sucessores para essa e outras atividades.

Ao perguntar o porquê de os agricultores aderirem à atividade leiteira, teremos algumas razões, tais como: as áreas rurais são fragmentadas pelo processo de herança e em geral declivosas, não propícias a cultivos de em grande escala; a mão de obra é escassa; a atividade não requer um investimento inicial tão vultoso quanto a avicultura e a suinocultura; o pagamento pelo leite é mensal (ou quase), proporcionando ingressos o ano todo; é possível



crescer na atividade fazendo investimentos, aos poucos, com financiamento público ou privado.

É considerável a participação feminina, seja nos empreendimentos liderados por mulheres, seja naqueles formados por casais, havendo divisão de trabalho, no gerenciamento, na comercialização.

A tecnologização foi possível pela oferta de políticas de crédito, a exemplo do Pronaf, que permitiu a um segmento de agricultores o acesso aos instrumentos indispensáveis e exigidos pela indústria láctea. Criou-se um caminho de mão dupla: um mercado lácteo crescente, embora não isento às oscilações externas, e agricultores familiares com *habitus* de trabalho para atender a essas demandas.

A tecnologização é interpretada como alternativa para permanecer na agricultura. A atividade, avaliada favoravelmente em comparação à penosidade enfrentada pelas gerações anteriores, ainda assim carrega sua carga de “violência doce”.

Referências

- Bourdieu, P. (2005). O campo Econômico. Florianópolis: *Política e Sociedade*, n. 6, avr. p. 15-57.
- Centro Econômico e Planejamento Agrícola da Epagri (Cepa). *Boletim Agropecuário de 2025*. Florianópolis: Cepa/Epagri.
- Champagne, P. (1975). Les paysans à l'apilage. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 1-2, p. 21-24.
- Dorigon, C; Renk, A. (2019). Juventude rural e sucessão profissional no Oeste Catarinense: um balanço histórico e Perspectivas Atuais. Diniz, F. H. *Desafios e perspectivas de jovens latino-americanos na sucessão familiar da atividade leiteiras*. Brasília: Embrapa.
- Garcia-Parpet, M. F. (2003) A construção social de um mercado perfeito: o caso de Fontaines-em-sologne. *Estudos Sociedade e Agricultura*. No. 20, p. 05-44.
- GRIGNON, C. (1975). Le paysan inclassable. *Actes de la Recherche em Sciences Sociales*, n.1-4, p. 82-87.
- HAHN, M. (2005). *Capital social e estratégias de desenvolvimento econômico na microrregião de Itapiranga (SC)*. Dissertação de Mestrado (PPG Agrossistemas). Florianópolis: UFSC.

- HAHN, M. (2016). Análise da produção agropecuária de Porto Novo. In: FRANZEN, D. O; MAYER, L. (Orgs.). *Porto Novo 90 anos de perspectivas históricas e contemporâneas*. São Leopoldo: Oikos.
- JUNGBLUT, R. (2011). *Porto Novo – um documentário histórico*. Porto Alegre: Letra e Vida.
- FRANZEN, D. O. (2014). *Um projeto de desenvolvimento regional no extremo oeste catarinense: o caso do Frigorífico Safrita de Itapiranga*. Tese de Doutorado (PPG História) UPF.
- FRANZEN, D.O.; MAYER, L. (2016). (org.). *Porto Novo 90 anos de perspectivas históricas e contemporâneas*. São Leopoldo: Oikos.
- RENK, A.; DORIGON, C. (2015). *Produtos coloniais: tradição e mudança*. Chapecó: Argos.
- SHANIN, T. (1974). The nature and logic of the peasant economy. *The Journal of Peasant Study*, n.2, jan.
- TESTA, V.M. et alii.(1996). *O desenvolvimento sustentável do Oeste Catarinense: proposta para discussão*. Florianópolis: EPAGRI.
- WOORTMAN, E. (1985). *Herdeiros, parentes e compadres- colonos do Sul e sitiantes do Nordeste*. Brasília: UNB; São Paulo: Hucitec.

